



ORIENTE MÉDIO EM CONVULSÃO

Guerra mira a energia

Israel ataca o maior campo de gás do mundo, no sul do Irã, depois de eliminar Esmail Khatib, ministro da Inteligência iraniano. Teerã bombardeia complexo do Catar e ameaça "destruir" indústria do Golfo. Em mensagem, Mojtaba Khamenei volta a falar em vingança

» RODRIGO CRAVEIRO

Em seu 18º dia, a guerra ameaça a infraestrutura energética do Golfo Pérsico. Um ataque conjunto dos EUA e de Israel incendiou o South Pars-North Dome, o maior campo de gás natural do mundo, situado em Asaluyeh (sul do Irã), na província de Bushehr. A instalação fornece cerca de 70% do gás natural nacional do Irã. A ofensiva levou a críticas inéditas dos Emirados Árabes Unidos, de Omã e da Arábia Saudita, por temerem o impacto no comércio global da commodity ante uma retaliação iraniana.

O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, alertou sobre o risco global representado por bombardeios a infraestruturas energéticas. “Isso complicará a situação e pode ter consequências incontrolláveis, cujo alcance pode abranger o mundo inteiro”, advertiu Pezeshkian na rede social X.

Por sua vez, o presidente do Parlamento, Mohammad-Bagher Ghalibari, anunciou que, a partir de agora, “vigora a lei do olho por olho e começa um novo nível de confrontação”. Teerã não ficou somente na retórica. Quatro mísseis iranianos foram interceptados pelo Catar, mas outro caiu sobre a Cidade Industrial de Ras Laffan, provocando um incêndio no complexo de produção de gás natural liquefeito.

A Guarda Revolucionária Iraniana acenou com a “destruição” da indústria de energia de vizinhos regionais do Irã. “Advertimos mais uma vez que cometeram um grave erro ao atacar a infraestrutura energética da República Islâmica, cuja resposta está em curso. Se isso voltar a acontecer, os ataques contra sua infraestrutura energética e a de seus aliados não cessarão até que seja completamente destruída, e nossa resposta será muito mais severa do que os ataques desta noite”, afirmou, em nota.

Lista de alvos

O Khatam Al Anbiya (“Selo dos Profetas”), um conglomerado ligado ao Exército iraniano, anunciou que “atacará seriamente a origem da agressão e considerará atingir a infraestrutura de combustível, energia e gás” dos países de onde os ataques israelo-americanos foram lançados. Pouco antes do bombardeio a Ras Laffan,

Fadel Itani/AFP



Flagrante de ataque aéreo israelense a prédio residencial no bairro de Bashoura, no sul de Beirute: suposto esconderijo de militantes do Hezbollah

Atta Kenare/AFP



O ministro da Inteligência, Esmail Khatib (C): mais um fora de ação

a televisão estatal iraniana colocou na lista de “alvos legítimos” uma refinaria e uma companhia petroquímica da Arábia Saudita, três complexos energéticos do Catar e um campo de gás dos Emirados Árabes Unidos.

Por meio de um comunicado do Ministério das Relações Exteriores, o Catar expressou “firme condenação e denúncia do brutal ataque iraniano” e classificou a agressão “como uma escalada perigosa, uma flagrante violação de sua soberania

e uma ameaça direta à sua segurança nacional”. O governo catariense expulsou os adidos militares e de segurança do Irã e lhes deu um prazo de 24 horas para que abandonem o emirado.

Horas depois de matarem Ali Larjani, chefe do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, as Forças de Defesa de Israel (IDF) eliminaram Esmail Khatib, ministro de Inteligência do regime teocrático islâmico, em um bombardeio noturno. O primeiro-ministro israelense, Benjamin

Ilia Yefimovich/AFP



Apartamento danificado por míssil iraniano, perto de Tel Aviv

Netanyahu, e o seu titular da Defesa, Israel Katz, autorizaram os militares a assassinar “qualquer alto funcionário iraniano para o qual o cerco de Inteligência e operacional tenha sido fechado, sem necessidade de aprovação adicional”. Nova mensagem atribuída ao aiatolá Mojtaba Khamenei, líder supremo iraniano, promete vingar a morte de Larjani. “Os anti-islamitas deveriam saber que derramar esse sangue aos pés da árvore do sistema islâmico somente o fortalece, e, claro, cada sangue tem um preço que

os assassinos criminosos dos mártires devem pagar em breve”, afirmou, no texto divulgado pela agência semioficial iraniana Tasnim.

Pela primeira vez, Israel alvejou o norte do território do Irã. No Líbano, a aviação israelense bombardeou o sul de Beirute, região considerada um reduto do movimento fundamentalista islâmico Hezbollah. O Ministério da Saúde libanês informou 14 mortes no país, 12 na capital e duas em Sidon. Na madrugada de ontem, um míssil de

Eu acho...

Arquivo Pessoal



“O assassinato de figuras-chave do regime representa um golpe significativo para a liderança iraniana. Se tais operações continuarem, poderão minar seriamente o regime, potencialmente forçando-o a se render ou a fazer concessões em seus programas nucleares e de mísseis balísticos, bem como em seu apoio ao terrorismo na região.”

FARHAD REZAEI, cientista político iraniano e pós-doutor em estudos de defesa

fragmentação iraniano atingiu um prédio em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv, matando dois israelenses.

Confusão

Pós-doutor em estudos de defesa, o cientista político iraniano Farhad Rezaei avalia que, ao ameaçar as instalações energéticas do Golfo Pérsico, o regime dos aiatolás está “confuso” e “incapaz de tomar decisões estratégicas racionais”. “Atacar países vizinhos faz pouco sentido, pois apenas os incentiva a apoiar mais ativamente os bombardeios israelenses e americanos, podendo levar a retaliações contra a infraestrutura de petróleo e gás do Irã”, disse ao **Correio**. “Isso também isolaria o regime politicamente. Temos observado dinâmicas semelhantes, recentemente, incluindo os esforços para aprovar uma resolução no Conselho de Segurança da ONU condenando o Irã, depois de ataques a países da região.”

Em relação aos assassinatos de líderes iranianos, Rezaei vê semelhança com a estratégia usada contra o Hezbollah (Líbano) e o Hamas (Gaza). “Ao alvejar e eliminar a alta liderança, Israel enfraqueceu essas organizações a ponto de sua eficácia operacional ter sido severamente reduzida”, analisou. Para o estudioso iraniano, além de reduzir a ameaça do regime, a eliminação de Larjani e de Khatib pode enfraquecer a capacidade de repressão da agitação interna. “Se eu fosse comandante, dentro do aparato de segurança ou da milícia Basij, questionaria seriamente se vale a pena continuar”, comentou Rezaei.

VENEZUELA

Interina troca a guarda na cúpula militar

A presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, anunciou ontem uma mudança na cúpula do setor militar, tido há anos como coluna vertebral do regime chavista. O ministro da Defesa, Vladimir Padrino, um dos braços direitos do presidente Nicolás Maduro, capturado em Caracas por forças especiais dos Estados Unidos e levado a Nova York para ser julgado por “narcoterrorismo”, cede o posto para o general Gustavo González, segundo anúncio do Palácio Miraflores.

“Agradecemos ao general-em-chefe Vladimir Padrino López por sua entrega, sua lealdade à pátria e por ter sido, durante todos esses anos, o primeiro soldado na defesa de nosso país”, escreveu a presidente em sua conta no Telegram. “Estamos certos de que assumirá com o mesmo compromisso e

honra as novas responsabilidades que lhe serão confiadas”, acrescentou, sem detalhar quais seriam. Padrino, de 62 anos, estava no cargo desde 2014 e era considerado a peça de Maduro na cúpula militar.

Poucos dias após a queda de Maduro e a nomeação de Delcy como interina, o novo titular da Defesa tinha sido designado como chefe da guarda presidencial e da temida direção de contra-inteligência. Nos dias e semanas que se seguiram, multiplicaram-se versões dando conta de suposta deslealdade de setores das Forças Armadas, que teriam facilitado a incursão norte-americana e a captura de Maduro.

Por constar entre as peças-chaves do setor militar, hoje visto como pilar fundamental de sustentação do chavismo, Padrino poderia ter sido removido da Defesa como parte das difíceis tratativas entre o

Juan Barreto/AFP



O ex-ministro Vladimir Padrino e a presidente Delcy Rodríguez

governo da presidente interina e os EUA. Desde a incursão fulminante de 3 janeiro, Delcy Rodríguez equilibra-se entre o discurso de resistência e a opção pragmática por

algum tipo de entendimento com Washington.

A ação foi precedida pela imposição de um bloqueio naval no Mar do Caribe. Na prática, os EUA

assumiram o controle das exportações de petróleo da Venezuela. Segundo explicado pelo próprio presidente Donald Trump, todo carregamento partido do litoral venezuelano é interceptado pela Marinha norte-americana. Washington administra as transações e transfere as receitas para um fundo, do qual são destinados valores determinados ao governo de Caracas.

Desde então, foram impedidas remessas para países como a China. Em especial, a diretiva de Trump impede o fornecimento de petróleo venezuelano a Cuba, que depende das remessas para alimentar não apenas os transportes. Todo o sistema elétrico da ilha é baseado em usinas termelétricas movidas a óleo diesel. A interrupção do abastecimento agravou a crise energética cubana e provocou

nos últimos dias um apagão de alcance nacional.

Padrino era um dos poucos aliados próximos de Maduro que permaneciam no governo interino. Tarek William Saab renunciou em fevereiro à Procuradoria-Geral, após quase uma década de uma atuação que especialistas classificam como subserviente ao chavismo. O poderoso ministro do Interior, Diosdado Cabello, permanece no cargo.

Batizada como bolivariana pelo falecido presidente Hugo Chávez (1999-2013), a Força Armada venezuelana não esconde sua politização. Já teve entre seus lemas “Pátria, socialismo ou morte!”. Atualmente, o que vale é “Chávez vive!”. A Constituição aprovada em referendo, em 1999, sob o governo de Chávez, deu direito de voto aos militares, que passaram a ocupar cargos-chave em instituições do Estado.